

RAINBOW
ROWELL

FANGIRL

Tradução
LÍGIA AZEVEDO

SEGUINTE
O selo jovem da Companhia das Letras

Histórico de publicação

Simon Snow e o herdeiro do Mago, 2001

Simon Snow e a segunda serpente, 2003

Simon Snow e o terceiro portão, 2004

Simon Snow e os quatro selkies, 2007

Simon Snow e as cinco lâminas, 2008

Simon Snow e as seis lebres brancas, 2009

Simon Snow e o sétimo carvalho, 2010

Simon Snow e a oitava dança, previsto para 1^º de maio de 2012

UM

Havia um garoto em seu quarto.

Cath olhou para o número pintado na porta e baixou os olhos para o número do quarto anotado em um papel em sua mão.

Pound Hall, 913.

Aquele era o quarto 913, mas talvez ela não estivesse em Pound Hall. Todos os prédios se pareciam, como aqueles condomínios para velhinhos. Talvez Cath devesse ir atrás de seu pai antes que ele trouxesse o resto das caixas.

— Você deve ser Cather — o garoto disse, sorrindo e estendendo a mão.

— Cath — ela corrigiu, sentindo uma onda de pânico na barriga. Ela ignorou a mão esticada dele. (Estava segurando uma caixa, afinal de contas. O que ele esperava que ela fizesse?)

Aquilo era um erro — tinha que ser. Ela sabia que Pound Hall era um alojamento misto... *Será que também eram quartos mistos?*

O garoto pegou a caixa das mãos dela e a apoiou sobre a cama vazia. A cama do outro lado do quarto já estava tomada por roupas e caixas.

— Tem mais coisa sua lá embaixo? — ele perguntou. — Acabamos de trazer o que faltava. Acho que vamos comer um hambúrguer agora. Quer vir junto? Você já foi no Pear's? Os hambúrgueres de lá são do tamanho de um punho. — Ele levantou o braço de Cath. Ela engoliu em seco. — Fecha a mão — ele disse.

Cath fechou.

— São *maiores* que o seu punho, até — o garoto disse, soltando a mão de Cath e pegando a mochila que ela deixou do lado de fora do quarto. — Você tem mais caixas? Deve ter. Está com fome?

Ele era alto, magro e bronzeado. Parecia que tinha acabado de tirar um gorro da cabeça, porque o cabelo loiro-escuro despontava para todos os lados. Cath voltou a olhar para o papel com as informações do quarto que lhe fora designado. Aquele garoto poderia ser *Reagan*?

— Reagan! — o garoto chamou, animado. — Olha só, sua colega de quarto chegou.

Uma garota contornou Cath à porta, depois olhou para ela por cima do ombro, com frieza. Tinha cabelo ruivo e liso, e um cigarro que ainda não acendera nos lábios. O garoto o pegou dela e o pôs na própria boca.

— Reagan, Cather. Cather, Reagan — ele disse.

— Cath — Cath corrigiu.

Reagan assentiu e procurou outro cigarro na bolsa.

— Peguei este lado — ela disse, indicando com a cabeça a pilha de caixas do lado direito do quarto. — Mas pra mim tanto faz. Se você liga pra essas merdas de feng shui, pode mudar minhas coisas de lugar. — Ela se virou para o garoto. — Pronto?

Ele se virou para Cath.

— Você vem?

Ela negou com a cabeça.

Quando a porta se fechou atrás deles, Cath se sentou no colchão que aparentemente era dela — feng shui era a última de suas preocupações — e apoiou a cabeça na parede de blocos de concreto.

Só precisava acalmar os nervos.

Pegar a ansiedade que parecia uma estática escura atrás dos olhos e um coração a mais na garganta e empurrar de volta para o estômago, onde devia ficar — onde ela pelo menos podia comprimir e ignorar.

Seu pai e Wren logo estariam ali, e Cath não queria que soubessem que ela estava prestes a ter um colapso nervoso. Se ela tivesse um, o pai teria também. E se *qualquer um dos dois* tivesse, Wren ia agir como se eles estivessem fazendo aquilo de propósito, só para estragar seu primeiro dia na faculdade, que deveria ser perfeito. Sua nova aventura.

“Você vai me agradecer por isso”, Wren insistia em repetir.

A primeira vez que dissera aquilo fora em junho.

Cath já havia preenchido e enviado o formulário da moradia estudantil, e é claro que pedira para ter Wren como colega de quarto — nem pensara duas vezes. As duas tinham dividido o quarto por dezoito anos, por que mudar agora?

— Dividimos o quarto por *dezoito anos* — Wren argumentara. Ela estava sentada à cabeceira da cama de Cath, com a expressão irritante de Irmã Adulta.

— E deu supercerto — Cath havia dito, mexendo os braços para mostrar o quarto: as pilhas de livros, os pôsteres de Simon Snow, o guarda-roupa em que elas enfiavam todas as suas roupas, na maior parte do tempo sem se preocupar com qual pertencia a quem.

Cath estava sentada ao pé da cama, tentando não ser a Irmã Ridícula e Chorona.

— É a faculdade — Wren insistira. — A vantagem da faculdade é justamente conhecer gente nova.

— A vantagem de ter uma irmã gêmea é justamente não precisar se preocupar com esse tipo de coisa — Cath dissera. — Garotas esquisitas

que roubam seus absorventes, têm cheiro de molho de salada e tiram fotos suas enquanto você dorme...

Wren suspirara.

— De onde você tirou isso? Por que alguém teria cheiro de molho de salada?

— A vinagre — Cath havia dito. — Lembra quando a gente foi conhecer a faculdade e o quarto daquela menina tinha cheiro de molho italiano?

— Não.

— Bom, era nojento.

— É a faculdade — Wren havia dito, exasperada, levando as mãos ao rosto. — Deveria ser uma *aventura*.

— Já é uma aventura. — Cath foi engatinhando até o lado da irmã e tirou as mãos dela do rosto. — A ideia toda já é aterrorizante.

— É pra gente conhecer gente nova — Wren repetira.

— Não preciso de gente nova.

— Isso só prova o quanto você precisa... — Wren apertara as mãos da irmã. — Cath, pensa no assunto. Se ficarmos juntas, vão nos tratar como se fôssemos a mesma pessoa. Vai demorar quatro anos para alguém aprender a nos diferenciar.

— É só prestar atenção.

Cath tocou a cicatriz no queixo de Wren, logo abaixo dos lábios. (Um acidente de trenó. Elas tinham nove anos, e Wren estava na frente quando bateram numa árvore. Cath, que estava atrás, havia caído na neve.)

— Você sabe que estou certa — Wren havia dito.

Cath negara com a cabeça.

— Não sei, não.

— Cath...

— Por favor, não me obriga a fazer isso sozinha.

— Você nunca está sozinha — Wren respondera, suspirando de novo. — É essa a vantagem de ter a porra de uma irmã gêmea.

— É muito bom — o pai delas disse, olhando para o quarto 913 do Pound Hall e deixando um cesto cheio de sapatos e livros sobre o colchão de Cath.

— Não é nada, pai — Cath disse, rígida junto à porta. — É tipo um quarto de hospital, só que menor. E sem TV.

— Você tem uma bela vista do campus — ele insistiu.

Wren foi até a janela.

— Meu quarto dá pro estacionamento.

— Como você sabe? — Cath perguntou.

— Vi no Google Earth.

Wren estivera ansiosa para que toda aquela coisa de faculdade começasse. Ela e a colega de quarto — *Courtney* — vinham se falando havia semanas. Courtney também era de Omaha. As duas já tinham se encontrado e feito compras para o quarto juntas. Cath tinha ido junto, e tentara não fazer bico enquanto escolhiam pôsteres e luminárias combinando.

O pai delas se afastou da janela e passou o braço sobre os ombros de Cath.

— Vai ficar tudo bem — ele disse.

Ela assentiu.

— Eu sei.

— Certo — ele disse, batendo palmas uma vez. — Próxima parada, Schramm Hall. E depois: rodízio de pizza. Por último: meu triste

ninho vazio.

— Nada de pizza — Wren disse. — Desculpa, pai. Courtney e eu vamos ao churrasco dos calouros hoje à noite. — Ela olhou para a irmã. — Cath deveria ir também.

— Prefiro a pizza — Cath disse, em desafio.

Seu pai sorriu.

— Sua irmã está certa, Cath. Você tem que ir. Pra conhecer gente nova.

— Vou passar os próximos nove meses só conhecendo gente nova. Hoje quero comer pizza.

Wren revirou os olhos.

— Muito bem — o pai disse, dando tapinhas no ombro de Cath. — Próxima parada, Schramm Hall. Vamos?

Ele abriu a porta.

Cath não se moveu.

— Pode voltar para me buscar depois que deixar Wren — ela disse, olhando para a irmã. — Quero começar a arrumar minhas coisas.

Wren não disse nada a respeito, só saiu para o corredor.

— Amanhã a gente se fala — ela se despediu, sem virar para olhar para a irmã.

— Tá — Cath disse.

A sensação de arrumar as coisas era boa. Fazer a cama e organizar seus livros teóricos ridiculamente caros nas prateleiras acima da nova escrivaninha.

Quando o pai voltou, os dois foram até a pizzaria Valentino's. Todo mundo que viram no caminho tinha mais ou menos a idade de Cath. Era muito esquisito.

— Por que todo mundo é loiro? — Cath perguntou. — E branco?

O pai riu.

— É que você está acostumada à parte menos branca de Nebraska.

Eles viviam em um bairro mexicano no sul de Omaha. Eram a única família branca do quarteirão.

— Ah, meu Deus — ela disse. — Você acha que tem uma barraquinha de taco nesta cidade?

— Acho que vi um fast-food mexicano...

Ela gemeu.

— Ah, vai — ele disse. — Você gosta de fast-food.

— Não é essa a questão.

Quando chegaram à Valentino's, estava cheia de estudantes. Alguns, como Cath, estavam acompanhados dos pais, mas não muitos.

— É tipo um conto de ficção científica — ela disse. — Sem crianças... Sem ninguém acima dos trinta... Cadê os velhos?

O pai pegou um pedaço de pizza com as mãos.

— Viraram pizza.

Cath riu.

— Eu não sou velho, sabe? — Ele tamborilava na mesa com dois dedos da mão esquerda. — Tenho quarenta e um. Vários caras da minha idade só estão tendo filhos agora.

— Foi uma boa ideia — Cath disse — tirar a gente do caminho logo. Você pode começar a levar mulheres pra casa agora. Ninguém vai saber.

— Todas as minhas mulheres... — ele disse, olhando para o prato. — Vocês são as únicas mulheres com quem me ocupo.

— Eca, pai. Que esquisito.

— Você sabe o que quero dizer. E o que aconteceu com sua irmã? Nunca vi vocês brigando...

— Não estamos brigando — Cath disse, dando uma mordida numa pizza de carne moída com queijo e bacon. — Ai, credo — ela disse, antes de cuspir.

— O que foi? Encontrou uma pálpebra de velho na pizza?

— Não. É só pickles. Tudo bem. Eu só não estava esperando.

— Vocês duas *estão passando a impressão* de que estão brigando — ele continuou.

Cath deu de ombros. Ela e a irmã não andavam se falando muito, de modo que não brigavam.

— Wren só quer mais... independência.

— Parece razoável — ele disse.

É claro que sim, Cath pensou. *Essa é a especialidade de Wren*. Mas ela resolveu deixar para lá. Não queria que o pai se preocupasse com aquilo. Pelo modo como ficava tamborilando na mesa, ela sabia que ele já estava perdendo as forças. Tinham sido muitas horas em seguida se comportando como um pai normal.

— Cansado? — Cath perguntou.

Ele sorriu como quem pede desculpas, e descansou a mão sobre a perna.

— Foi um grande dia. E um dia difícil também. Bom, eu já sabia que seria. — O pai arqueou uma sobrancelha. — As duas no mesmo dia. *Uau*. Ainda não consigo acreditar que não vão voltar para casa comigo...

— Não se acostume com isso. Não tenho certeza de que vou conseguir aguentar isso por um semestre inteiro.

Era brincadeira só em parte, e ele sabia.

— Você vai ficar bem, Cath. — O pai colocou uma mão, a menos inquieta, sobre a dela e apertou. — E eu também. Sabe disso, não?

Cath se permitiu encarar seus olhos por um momento. Ele parecia cansado. E sim, inquieto. Mas estava segurando as pontas.

— Eu ainda queria que você adotasse um cachorro — ela disse.

— Eu nunca ia lembrar de dar comida pra ele.

— Talvez ele pudesse ser treinado pra dar comida pra *voce*.

Quando Cath entrou no quarto, sua colega — Reagan — ainda não tinha voltado. Ou talvez tivesse saído de novo, mas suas caixas pareciam como antes. Cath acabou de guardar as próprias roupas, então abriu a caixa de itens pessoais que havia trazido de casa.

Pegou uma foto dela com Wren e a prendeu no quadro de cortiça atrás da escrivaninha. Tinha sido tirada na colação de grau. As duas usavam beca vermelha e sorriam. Antes de Wren cortar o cabelo...

Ela nem contara a Cath que ia fazer aquilo. Ao fim do verão, só voltara do trabalho com o cabelo curtinho. Tinha ficado incrível — o que provavelmente significava que também ficaria incrível em Cath —, mas ela não poderia mais cortar o cabelo daquele jeito, mesmo se reunisse coragem para diminuir o comprimento em uns quarenta centímetros. Não podia dar uma de *Mulher solteira procura* para cima da irmã gêmea.

Cath pegou um porta-retratos com uma foto do pai, que sempre ficara sobre a cômoda delas. Era uma foto especialmente bonita, tirada no dia do casamento dele. Nela, o pai aparecia jovem e sorridente, usando um girassol bem pequeno na lapela. Cath o arrumou na prateleira acima da escrivaninha.

Então ela pegou uma foto dela com Abel na festa de formatura. Cath usava um vestido verde cintilante, da mesma cor da faixa na cintura do smoking de Abel. Ela tinha saído bem na foto, ainda que seu rosto parecesse nu e achatado sem os óculos. Abel também, ainda que parecesse entediado.

Ele sempre parecia meio entediado.

Cath já devia ter lhe mandado uma mensagem àquela altura, para dizer que havia chegado, mas queria esperar até que se sentisse mais relaxada e tranquila. Não dá para voltar atrás em uma mensagem. Se você parece mal-humorada e melancólica em uma mensagem, ela fica ali no seu celular te lembrando de como você é chata.

No fundo da caixa, estavam os pôsteres de Simon e Baz. Cath os estendeu na cama com cuidado — alguns eram originais, feitos só para ela. Teria que escolher seus preferidos: não havia espaço para todos no quadro de cortiça, e Cath já havia decidido não pendurar nada nas paredes, onde todo mundo veria.

Ela escolheu três...

Simon erguendo a Espada dos Magos. Baz estirado em um trono denteado preto. Os dois andando juntos em meio a folhas douradas voando, os cachecóis agitados pelo vento.

Havia mais algumas coisas na caixa — flores secas, uma roseta com os dizeres CLUBE DO PRATO LIMPO que Wren havia lhe dado, bustos comemorativos de Simon e Baz que ela havia comprado na loja oficial...

Cath encontrou lugar para tudo, então se instalou na cadeira surrada de madeira à escrivaninha. Sentada ali, com as costas para a parede nua e as caixas de Reagan no chão, quase se sentia em casa.

Havia um garoto no quarto de Simon.

Um garoto com cabelo preto liso e olhos cinzentos e frios. Ele girava, segurando um gato no alto enquanto uma menina pulava para pegá-lo.

— Devolve — a menina disse. — Vai machucar ele.

O garoto riu e ergueu o gato ainda mais alto, então notou Simon à porta e parou. Sua expressão pareceu ainda mais cortante.

— Oi — o garoto de cabelo escuro disse, soltando o gato. Ele aterrissou nas quatro patas e correu para fora do quarto. A menina foi atrás dele.

O garoto os ignorou, ajeitando o paletó do uniforme com cuidado e erguendo apenas o lado esquerdo dos lábios para sorrir.

— Conheço você. É Simon Snow, o herdeiro do Mago. — Ele estendeu a mão, presunçoso. — Sou Tyrannus Basilton Pitch. Mas pode me chamar de Baz. Vamos ser colegas de quarto.

Simon fez uma cara feia e ignorou a mão pálida do garoto.

— O que pensa que estava fazendo com o gato dela?

*do capítulo 3 de Simon Snow e o herdeiro do Mago,
copyright © 2001 by Gemma T. Leslie*

DOIS

Nos livros, sempre que os personagens acordam em um lugar diferente, eles passam por um momento de desorientação, em que não sabem onde estão.

Aquilo nunca tinha acontecido com Cath. Ela sempre se lembrava de onde estava quando pegava no sono.

Ainda assim, parecia estranho ouvir seu bom e velho despertador disparando em um lugar totalmente novo. A iluminação do quarto era esquisita, amarela demais para a manhã, e o ar tinha um cheiro de produto de limpeza a que Cath não estava certa de que ia se acostumar. Ela pegou o celular, desligou o despertador, e lembrou que ainda não havia mandado uma mensagem para Abel. Tampouco tinha verificado seu e-mail ou sua conta no FanFixx antes de ir para a cama.

primeiro dia, ela escreveu então para Abel. **conto depois. bjs e tal.**

A cama do outro lado do quarto continuava vazia.

Cath poderia se acostumar com aquilo. Talvez Reagan passasse a maior parte do tempo no quarto do namorado. Ou no apartamento dele. O namorado parecia mais velho — provavelmente morava fora do campus com outros vinte caras, em uma casa caindo aos pedaços, com um sofá no jardim.

Mesmo sozinha no quarto, Cath não se sentiu confortável para trocar de roupa. Reagan poderia entrar a qualquer minuto, o namorado dela poderia entrar a qualquer minuto... E os dois podiam ser tarados que gravavam tudo com o celular.

Cath levou as roupas para o banheiro e se trocou dentro de uma cabine. Uma garota sorridente perto da pia tentou desesperadamente fazer contato visual. Ela fingiu não notar.

Quando acabou de se arrumar, Cath ainda tinha tempo para tomar café, mas não se sentia pronta para enfrentar o refeitório. Ainda não sabia onde ficava, nem como funcionava...

Em situações novas, as regras mais complicadas são aquelas que ninguém se dá ao trabalho de explicar. (E aquelas que não dá para procurar no Google.) Tipo, onde começa a fila? Que comidas estão liberadas? Aonde ir e onde sentar? Para onde ir depois de comer? Por que está todo mundo olhando?... Que saco.

Cath abriu uma caixa de barrinhas de cereal. Tinha enfiado mais quatro caixas e três potes gigantes de manteiga de amendoim debaixo da cama. Se conseguisse se controlar, talvez pudesse evitar o refeitório até outubro.

Ela abriu o notebook enquanto mastigava uma barrinha de alfarroba com aveia e entrava no FanFixx. Havia um monte de novos comentários em sua página, todos de pessoas preocupadas porque Cath não havia postado um novo capítulo de *Sempre em frente* no dia anterior.

Oi, pessoal, ela escreveu. Desculpa por ontem. Primeiro dia de aula, coisas de família e tal. Talvez eu não consiga postar hoje também. Mas prometo que volto com tudo na terça e que estou planejando um capítulo bem especial. Fui! Magicath.

No caminho para a aula, Cath não conseguia ignorar a sensação de que fingia ser uma estudante em um filme adolescente. O cenário era perfeito: gramados verdes, prédios de tijolinho, jovens de mochila por

toda parte. Cath ajeitou a mochila nas costas, desconfortável. *Olha só pra mim. Pareço uma foto genérica de universitária.*

Ela chegou à aula de história americana dez minutos adiantada, mas não cedo o bastante para conseguir uma mesa no fundo da sala. Todo mundo ali parecia sem jeito e nervoso, como se tivesse passado tempo demais decidindo que roupa usar.

(É melhor começar com um estilo que consiga manter, Cath pensara ao considerar suas roupas na noite anterior. Jeans. Camiseta do Simon. Casaquinho verde.)

O garoto sentado ao lado dela estava de fones de ouvido e sacudia a cabeça, de maneira insegura. A garota do outro lado de Cath ficava jogando o cabelo de um lado para o outro.

Cath fechou os olhos. Podia ouvir o ranger da cadeira dos dois. Podia sentir o cheiro do desodorante. Só de saber que estavam ali já fazia com que se sentisse tensa e encurralada.

Se ela fosse um pouco orgulhosa, poderia ter ficado na mesma turma da irmã — as duas precisavam cursar história. Talvez devesse mesmo fazer as matérias com Wren enquanto ainda tinham algumas em comum, porque elas não se interessavam pelos mesmos assuntos. Wren queria estudar marketing — e talvez trabalhar com publicidade, como o pai delas.

Cath não conseguia se imaginar em nenhum emprego ou *carreira*. Ela ia se formar em letras, esperando que aquilo significasse passar os próximos quatro anos lendo e escrevendo. E talvez os quatro anos depois disso.

Ela tinha conseguido eliminar a disciplina introdutória de escrita, e quando encontrara seu orientador na primavera o convencera de que conseguia dar conta da aula de introdução à escrita de ficção, uma

matéria de terceiro ano. Era a única disciplina — e talvez a única coisa na faculdade — pela qual Cath ansiava. A professora era uma romancista de verdade. Cath tinha lido os três livros dela (sobre o declínio e a desolação nos Estados Unidos rural) durante o verão.

— Por que está lendo isso? — Wren perguntara ao notar.

— Como assim?

— Um livro sem dragão nem elfo na capa.

— Estou diversificando.

— Shh — Wren dissera, cobrindo os ouvidos do pôster acima de sua cama. — Baz vai te ouvir.

— Baz não tem inseguranças quanto ao nosso relacionamento — Cath havia dito, sem conseguir conter um sorriso.

Pensar em Wren a levou a ir atrás do celular.

Ela devia ter saído na noite anterior.

Parecera que o campus inteiro estava em festa. Cath se sentira sob cerco no quarto vazio. Gritos. Risos. Música. Vindo de todas as direções. Wren não devia ter sido capaz de resistir ao barulho.

Cath tirou o aparelho da mochila.

acordada?, enviou à irmã.

Alguns segundos depois, uma notificação. **eu é que pergunto.**

estava cansada demais pra escrever ontem, Cath escreveu. **fui pra cama às dez.**

Outra notificação. **já está negligenciando seus fãs...**

Cath sorriu. **você sempre teve ciúmes deles...**

aproveita o dia

vc tb

Um homem indiano de meia-idade entrou na sala, vestindo um paletó de tweed reconfortante. Cath desligou o celular e o guardou na

mochila.

Quando Cath chegou ao dormitório, estava morrendo de fome. Naquele ritmo, as barrinhas de cereal não iam durar nem uma semana...

Tinha um garoto sentado à porta de seu quarto. O mesmo. Era o namorado de Reagan? Ou só o companheiro de cigarro?

— Cather! — ele disse, com um sorriso. Assim que a avistara, ele começara a se levantar, o que parecia mais trabalhoso do que deveria ser: seus braços e pernas eram compridos demais para o corpo.

— É Cath — ela disse.

— Tem certeza? — Ele passou uma mão pelo cabelo. Como se precisasse confirmar que continuava bagunçado. — Gosto bastante de Cather.

— Tenho certeza — ela disse, seca. — Tive bastante tempo para pensar a respeito.

Ele ficou ali, esperando que ela abrisse a porta.

— Reagan não está? — Cath perguntou.

— Se ela estivesse — o garoto sorriu —, eu já teria entrado.

Cath virou a chave na fechadura, mas não abriu a porta. Não estava pronta para aquilo. Aquele dia já havia sido uma overdose de novidades e coisas diferentes. No momento, só queria se encolher na cama esquisita e barulhenta e engolir três barrinhas de cereal. Ela olhou para além do garoto.

— Quando Reagan vai chegar?

Ele deu de ombros.

Cath sentiu o estômago se revirar.

— Bom, não posso te deixar entrar — ela soltou.

— Por que não?

— Nem te conheço.

— Está brincando? — Ele riu. — Nos conhecemos ontem. E eu estava *lá dentro* quando isso aconteceu.

— É, mas não te conheço de verdade. Não conheço nem a Reagan.

— Você vai fazer a Reagan ficar esperando aqui fora também?

— Olha... — Cath disse. — Não posso deixar caras que não conheço entrarem no meu quarto. Nem sei seu nome. A situação toda cheira a estupro.

— Cheira a estupro?

— Você entende, não?

Ele baixou uma sobrancelha e balançou a cabeça, ainda sorrindo.

— Na verdade, não. Mas agora não quero entrar com você. A palavra “estupro” me deixa desconfortável.

— Também me deixa — ela disse, grata.

Ele apoiou as costas na parede e deslizou até o chão, ainda olhando para ela. Então ofereceu a mão.

— Meu nome é Levi, aliás.

Cath franziu a testa e apertou sua mão de leve, ainda segurando as chaves.

— Tá — ela disse, então abriu a porta e a fechou tão rápido quanto possível atrás de si.

Ela pegou o notebook e as barrinhas de cereal e se arrastou até o canto da cama.

Cath tentava andar de um lado para o outro de sua metade do quarto, mas não havia chão o bastante. O lugar parecia uma prisão, ainda mais com o namorado de Reagan, Levi, de pé do outro lado da

porta — ou sentado, não importava. Ela ia se sentir melhor se pudesse conversar com alguém. Considerou se era cedo demais para ligar para Wren...

Em vez disso, ligou para o pai e deixou uma mensagem de voz.

Então mandou uma mensagem para Abel. **ei, um dia já foi. e aí?**

Ela abriu o livro de sociologia. Então abriu o notebook. Então levantou e abriu a janela. Estava quente lá fora. As pessoas se perseguiam com arminhas de água do lado de fora de uma fraternidade, do outro lado da rua. Na placa, havia as letras pi, capa e um O esquisito.

Cath pegou o celular e ligou.

— Oi — Wren atendeu. — Como foi seu primeiro dia?

— Normal. E o seu?

— Foi legal — Wren disse. Ela *sempre* soava relaxada e tranquila. — Bom, foi meio estressante, acho. Fui pro prédio errado na aula de estatística.

— Que saco.

A porta se abriu, e Reagan e Levi entraram. Ela olhou para Cath de um jeito meio estranho, mas Levi só sorriu.

— É — Wren disse. — Cheguei só alguns minutos atrasada, mas me senti tão idiota. Ei, Courtney e eu estamos indo jantar, posso te ligar mais tarde? Ou quer almoçar com a gente amanhã? Combinamos de nos reunir sempre no Selleck Hall ao meio-dia. Sabe onde fica?

— Eu encontro — Cath disse.

— Ah, legal. A gente se vê amanhã, então.

— Legal — Cath disse, encerrando a ligação e guardando o celular no bolso.

Levi já tinha se esticado na cama de Reagan.

— Faz alguma coisa de útil — Reagan disse para ele, jogando-lhe um lençol amarrotado. — Oi — ela disse para Cath.

— Oi — Cath disse. Ela ficou ali parada um minuto, esperando que algum tipo de conversa começasse, mas Reagan não pareceu muito interessada naquilo. Ela revirou as caixas como se estivesse à procura de alguma coisa.

— Como foi seu primeiro dia? — Levi perguntou.

Cath precisou de um segundo para entender que ele falava com ela.

— Bom — respondeu.

— Você está no primeiro ano, né? — Ele estava arrumando a cama de Reagan. Cath se perguntou se planejava passar a noite ali. O que não seria legal. Nem um pouco.

Levi continuava olhando para ela, sorrindo, então Cath assentiu.

— Encontrou todas as salas?

— Sim...

— Está conhecendo gente nova?

Sim, vocês, ela pensou.

— Não porque eu quero — Cath disse.

Ela ouviu Reagan dar uma risadinha.

— Cadê suas fronhas? — Levi perguntou na direção do armário.

— Em uma dessas caixas — Reagan disse.

Ele começou a esvaziar uma, arrumando as coisas na escrivaninha de Reagan como se soubesse onde iam ficar. Sua cabeça pendia para a frente como se mal estivesse presa ao pescoço e aos ombros. Como se ele fosse um daqueles bonequinhos cujas partes são mantidas juntas por elásticos desgastados. Levi parecia meio desvairado. Reagan também. *Pessoas parecidas tendem a se encontrar,* Cath pensou.

— O que você estuda? — ele perguntou a Cath.

— Letras. — Ela esperou tempo demais para continuar. — E você?
Ele pareceu encantado por ela ter feito aquela pergunta. Ou qualquer uma.

— Gestão de pastagens.

Cath não sabia o que aquilo significava, mas não queria perguntar.

— Por favor, não começa a falar sobre gestão de pastagens — Reagan resmungou. — Vamos criar uma regra para o resto do ano. Nada de falar sobre gestão de pastagens no meu quarto.

— É o quarto da Cather também — Levi disse.

— Cath — Reagan o corrigiu.

— E quando você não estiver aqui? — ele perguntou a Reagan. — Vamos poder falar de gestão de pastagens quando você não estiver no quarto?

— Quando eu não estiver no quarto, acho que você vai ter que esperar no corredor — respondeu ela.

Cath sorriu para as costas de Reagan. Então notou que Levi a observava, e seu sorriso se desfez.

A turma toda estava com a maior cara de que era *aquilo* que estavam esperando desde o começo da semana. Era como se aguardassem um show começar. Ou a sessão de pré-estreia de um filme à meia-noite.

Quando a professora Piper entrou, alguns minutos atrasada, a primeira coisa que Cath notou foi que ela era mais baixa do que parecia nas fotos das orelhas dos livros.

Talvez aquilo fosse meio idiota. Eram só fotos de rosto, afinal de contas. Mas a professora Piper as preenchia muito bem, com as maçãs do rosto bem altas, os olhos azuis arregalados, seu espetacular cabelo castanho, bem comprido.

Ao vivo, seu cabelo era igualmente espetacular, mas tinha mechas grisalhas e era um pouco mais volumoso do que nas fotos. Ela era tão baixinha que teve que dar um pulinho para sentar na beirada da mesa.

— Então — a professora disse, em vez de “oi”. — Bem-vindos à aula de escrita de ficção. Reconheço alguns de vocês...

Ela sorriu para algumas pessoas que não eram Cath.

Cath era obviamente a única caloura na turma. Estava começando a reparar no que distinguia os novos alunos... As mochilas limpas demais. A maquiagem, no caso das garotas. As camisetas com estampas engraçadas, no caso dos garotos.

Tudo em Cath, de seu novo tênis Vans vermelhos aos óculos roxos que havia comprado na Target. Os mais veteranos usavam Ray-Ban de armação preta e pesada. Os professores também. Se Cath tivesse um Ray-Ban, provavelmente poderia pedir um gim-tônica sem que pedissem sua identidade no bar.

— Muito bem — a professora Piper disse. — Fico feliz que estejam todos aqui. — Sua voz era calorosa e ofegante. Dava para dizer que ela “ronronava” sem que fosse um exagero. E ela falava no volume ideal para que todo mundo tivesse que se concentrar para ouvi-la.

— Temos muito a fazer este semestre — ela disse —, então é melhor não perder nenhum minuto. Vamos mergulhar no assunto. — Ela se inclinou para a frente, se segurando ao tampo da mesa. — Estão prontos? Vamos mergulhar comigo?

A maior parte das pessoas assentiu. Cath olhou para o próprio caderno.

— Muito bem. Vamos começar com uma pergunta que não tem resposta... Por que escrevemos ficção?

Um dos alunos mais velhos decidiu arriscar.

— Para nos expressar — ele disse.

— Claro — a professora Piper disse. — É por isso que você escreve?

O cara assentiu.

— Certo... O que mais?

— Porque gostamos do som da nossa própria voz — uma garota disse. Seu cabelo era um pouco parecido com o de Wren, talvez ainda mais descolado. Ela parecia Mia Farrow em *O bebê de Rosemary* (tirando o Ray-Ban).

— Sim. — A professora riu. Cath achou que ela tinha uma risada de fada. — É por isso que eu escrevo, com toda a certeza. É por isso que *dou aula*. — Todos riram com ela. — Por que mais?

Por que eu escrevo? Cath tentou pensar em uma resposta profunda, sabendo que não diria nada, mesmo que a encontrasse.

— Para explorar novos mundos — alguém disse.

— Para explorar velhos mundos — outra pessoa disse.

A professora assentia.

Para ser outra pessoa, Cath pensou.

— Então... — a professora Piper ronronou. — Para nos compreender, talvez?

— Para nos libertar — uma garota disse.

Para nos libertar de nós mesmos.

— Para mostrar aos outros o que temos em nossa mente — disse um garoto de jeans vermelho justo.

— Presumindo que eles queiram saber — a professora Piper acrescentou. Todo mundo riu.

— Para fazer as pessoas rirem.

— Para chamar a atenção.

— Porque é a única coisa que sabemos fazer.

— Fale por você — a professora disse. — Eu também toco piano. Mas continuem. Estou adorando. Adorando.

— Para cessar as vozes na nossa cabeça — disse o garoto na frente de Cath. Ele tinha cabelo escuro e curto, o corte terminava em uma ponta na nuca.

Para cessar, Cath pensou.

Para deixar de ser qualquer coisa, de estar em qualquer lugar.

— Para deixar nossa marca — Mia Farrow disse. — Para criar algo que sobreviva a nós.

O garoto na frente de Cath disse:

— Reprodução assexuada.

Cath imaginou a si mesma no notebook. Tentava descrever em palavras qual era a sensação, o que acontecia quando era prazeroso, quando funcionava, quando as palavras fluíam dela antes que soubesse o que formavam, borbulhando de seu peito, como rimas, como rap, *como pular corda*, ela pensou, saltando pouco antes de a corda atingir seus pés.

— Para compartilhar algo verdadeiro — outra garota disse. Também de Ray-Ban.

Cath balançou a cabeça.

— Por que escrevemos ficção? — a professora Piper perguntou.

Cath baixou os olhos para o caderno.

Para desaparecer.

Ele estava tão concentrado — e frustrado — que nem viu a garota ruiva se sentar à sua mesa. Ela tinha o cabelo preso em marias-chiquinhas e usava óculos gatinho antiquados, do tipo que se usa em uma fantasia de bruxa.

— Você vai se cansar desse jeito — a garota disse.

— Só estou tentando acertar — Simon grunhiu, tocando a moeda de dois centavos de novo com a varinha e franzindo a testa com toda a força. Nada aconteceu.

— Pronto — ela disse, fazendo um gesto decisivo para a moeda.

Ela não tinha varinha, mas usava um anel com uma pedra roxa grande. Um fio o envolvia, para que não escorregasse de seu dedo.

— Retorna já!

Com um tremor, a moeda criou seis pernas e um tórax e começou a ir embora. A garota a empurrou com cuidado para dentro de um pote de vidro.

— Como você fez isso? — Simon perguntou. Ela também estava no primeiro ano. Ele sabia daquilo por causa do escudo verde na frente do suéter dela.

— Não se faz magia — ela disse, tentando sorrir modestamente e quase conseguindo. — Se é magia.

Simon ficou observando a joaninha de dois centavos.

— Meu nome é Penelope Bunce — a menina disse, estendendo a mão.

— Meu nome é Simon Snow — ele disse, cumprimentando-a.

— Eu sei — Penelope disse, e sorriu.

do capítulo 8 de *Simon Snow e o herdeiro do Mago*,
copyright © 2001 by Gemma T. Leslie

TRÊS

Era impossível escrever daquele jeito.

Em primeiro lugar, o quarto era pequeno demais. Um retângulo minúsculo, largo o bastante só para as duas camas — quando a porta se abria, esbarrava no colchão de Cath — e comprido o bastante apenas para enfiar uma escrivaninha de cada lado, entre as camas e as janelas. Se uma delas tivesse um sofá, ocuparia todo o espaço livre no meio do cômodo.

Nenhuma delas tinha um sofá. Ou uma TV. Ou uma luminária de mesa fofa da Target.

Reagan aparentemente não tinha levado nenhum item pessoal consigo, além das roupas, de uma torradeira — proibidíssima — e de Levi, que naquele momento estava deitado na cama dela, ouvindo música de olhos fechados enquanto Reagan martelava no computador. (Um PC vagabundo, que nem o de Cath.)

Cath estava acostumada a dividir o quarto com Wren, mas o quarto de casa era quase três vezes maior que aquele. E Wren nem de perto ocupava tanto espaço quanto Reagan. Espaço no sentido figurado. Espaço mental. A irmã não fazia Cath se sentir como se estivesse acompanhada.

E ela ainda não sabia muito bem o que pensar de Reagan...

Por um lado, sua colega de quarto não parecia querer que ficassem acordadas a noite toda trançando o cabelo uma da outra para que se tornassem melhores amigas para sempre. O que era um alívio.

Por outro lado, Reagan não parecia *nem um pouco* interessada em Cath.

Na verdade, aquilo também era meio que um alívio, porque Reagan era assustadora.

Ela parecia fazer tudo com vigor. Escancarava a porta do quarto quando a abria e a batia para fechar. Reagan era maior que Cath, um pouco mais alta e muito mais avantajada (*avantajada mesmo*). Ela parecia maior, ponto. Por dentro também.

Quando Reagan estava no quarto, Cath tentava se manter fora de seu caminho e não fazer contato visual. Reagan fingia que Cath não estava lá, então Cath fazia o mesmo. Em geral, aquilo parecia funcionar para elas.

Mas naquele exato momento, fingir que não existia dificultava muito escrever.

Cath estava trabalhando em uma cena complicada. Simon e Baz discutiam sobre se vampiros podiam ser considerados verdadeiramente bons e se deviam ir ao baile de formatura juntos. Deveria ser muito engraçada, romântica e reflexiva, o que costumava ser a especialidade de Cath. (Ela também era muito boa com traições. E com dragões que falavam.)

Mas ela não conseguia passar de “Simon tirou o cabelo castanho-claro da frente dos olhos e suspirou”. Não conseguia nem fazer Baz se mover. Não parava de pensar em Reagan e Levi sentados atrás dela. Seu cérebro estava travado no modo de alerta.

Além disso, estava morrendo de fome. Assim que Reagan e Levi saíssem para jantar, ia comer um pote inteiro de manteiga de amendoim. *Se* eles saíssem para jantar — Reagan continuava

martelando no teclado como se quisesse afundar as teclas e Levi continuava *não indo embora*, e a barriga de Cath começava a roncar.

Ela pegou uma barrinha de cereal e saiu do quarto, pensando em dar uma volta rápida pelo corredor para esvaziar a mente.

Mas o corredor era praticamente uma festa. Todas as portas estavam abertas, com exceção da delas. As garotas andavam para lá e para cá, conversando e rindo. O andar inteiro cheirava a pipoca de micro-ondas queimada. Cath entrou no banheiro discretamente e se sentou dentro de uma das cabines, então abriu a embalagem da barrinha e deixou que lágrimas de nervoso escorressem por seu rosto.

Nossa, ela pensou. Nossa. Tá. Não é tão ruim assim. Não tem nenhum problema, na verdade. O que houve de errado, Cath? Nada.

Ela se sentia toda tensa. No limite. E com o estômago queimando.

Cath pegou o celular e se perguntou o que Wren estaria fazendo. Provavelmente inventando coreografias para músicas da Lady Gaga. Provavelmente experimentando as blusas da colega de quarto. Provavelmente não sentada sobre o tampo da privada, comendo uma barrinha de linhaça com amêndoas.

Ela poderia ligar para Abel... mas sabia que ele ia viajar até a Missouri Tech na manhã seguinte. A família ia fazer uma festona para ele naquela noite, com tamales caseiros e os biscoitinhos recheados de coco da avó — tão especiais que ela nem vendia na padaria. Abel trabalhava na *panadería*, e a família morava no apartamento em cima do estabelecimento. Seu cabelo sempre cheirava a canela e fermento... Nossa, Cath estava com *muita* fome.

Ela jogou a embalagem no lixo e lavou o rosto antes de voltar para o quarto.

Reagan e Levi estavam saindo, graças a Deus. E *finalmente*.

— Tchauzinho — Reagan disse.

— Fica na paz — Levi disse, e sorriu.

Cath sentiu como se estivesse desabando quando a porta se fechou atrás deles.

Ela pegou outra barrinha, se jogou na cadeira velha de madeira, da qual já estava começando a gostar, e abriu uma gaveta para apoiar os pés.

Simon tirou o cabelo castanho-claro da frente dos olhos e suspirou.

— *Só porque não consigo pensar em nenhum vampiro heroico não quer dizer que eles não existam.*

Baz parou de tentar levitar sua mala e revelou os caninos brilhantes para Simon em um sorriso rápido.

— *Os mocinhos sempre usam branco — Baz disse. — Já tentou tirar sangue de uma capa branca?*

Selleck Hall era um prédio bem no meio do campus. Mesmo quem não era residente podia comer no refeitório. Cath costumava esperar no saguão por Wren e Courtney, para não ter que entrar no refeitório sozinha.

— Como é a sua colega de quarto? — Courtney perguntou enquanto elas avançavam pela fila do bufê de salada. Ela o fez como se ambas fossem velhas amigas, como se Cath tivesse alguma ideia de como *Courtney* era, além de saber que gostava de queijo cottage com pêssego.

O bufê de saladas do Selleck era um horror. Queijo cottage com pêssego, pera em calda com cheddar ralado.

— O que é isso? — Cath perguntou, levantando uma colherada de salada de vagem e feijão vermelho.

— Talvez seja mais um lance regional — Wren disse. — Tem uns caras no nosso alojamento que usam chapéu de cowboy, tipo, o tempo todo, mesmo quando só vão atravessar o corredor.

— Vou pegar uma mesa — Courtney disse.

— Ei... — Cath ficou observando Wren empilhar vegetais no seu prato. — A gente já escreveu alguma fanfic em que Simon e Baz dançavam?

— Não lembro — ela respondeu. — Por quê? Vai fazer uma cena assim?

— De valsa. Em cima das muralhas.

— Que romântico.

Wren procurava Courtney pelo refeitório.

— Fico preocupada de estar fazendo Simon fofinho demais.

— Ele é fofinho.

— Queria que você estivesse lendo — Cath disse, seguindo a irmã até a mesa.

— Achei que todos os alunos de nono ano da América do Norte já estivessem lendo.

Wren se sentou ao lado de Courtney.

— E do Japão — Cath disse, sentando também. — Faço o maior sucesso lá, não sei por quê.

Courtney se inclinou na direção de Cath de repente, como se estivesse prestes a revelar um grande segredo.

— *Cath*, Wren me disse que você escreve histórias do Simon Snow. Achei tão legal. Sou *muito* fã dele. Li todos os livros quando era criança.

Cath desembrulhou seu sanduíche, cética.

— Ainda não saíram todos — ela disse.

Courtney comeu um pouco do queijo cottage, ignorando a correção.

— A série ainda não acabou — Cath disse. — O oitavo livro só sai no ano que vem...

— Conta sobre a sua colega de quarto — Wren disse, sorrindo sem graça para Cath.

— Não tem nada pra contar.

— Então inventa alguma coisa.

Wren estava irritada. O que irritou Cath. Então Cath pensou em como estava feliz em comer comida que exigia talheres e em conversar com alguém conhecido, e decidiu fazer um esforço com a nova colega de quarto da irmã.

— Ela se chama Reagan. E tem cabelo castanho-avermelhado... E fuma.

Courtney franziu o nariz.

— No quarto?

— Ela não fica muito no quarto, na verdade.

Wren pareceu desconfiada.

— Vocês nem conversaram?

— A gente se cumprimentou — Cath disse. — Falei um pouco com o namorado dela.

— E como o namorado dela é? — Wren perguntou.

— Não sei. Alto?

— Bom, faz só alguns dias. Tenho certeza de que vocês vão se conhecer melhor.

Então Wren começou a falar de algo que havia acontecido em uma festa a que ela e Courtney tinham ido. Fazia só duas semanas que

moravam juntas e já tinham todo um conjunto de piadas internas que Cath não compreendia.

Cath comeu seu sanduíche de peru com duas porções de batatas fritas, depois enfiou outro sanduíche na bolsa, quando Wren não estava prestando atenção.

Reagan finalmente passou a noite no quarto. (Levi não, graças a Deus.) Ela foi para a cama enquanto Cath ainda estava digitando.

— A luz te incomoda? — Cath perguntou, apontando para a luminária da escrivaninha. — Posso desligar.

— Não tem problema — Reagan disse.

Cath colocou fones de ouvido para não ter que ouvir Reagan adormecendo. A respiração. Os lençóis roçando. A cama rangendo.

Como ela simplesmente consegue dormir com uma desconhecida no quarto? Cath se perguntou. Ela tirou os fones quando finalmente passou à própria cama e puxou o edredom por cima da cabeça.

— Você ainda não falou com ela? — Wren perguntou na semana seguinte, durante o almoço.

— Falei — Cath disse. — Ela disse: “Tudo bem fechar a janela?”. Eu disse: “Tudo bem”. E sempre damos oi. Trocamos ois diariamente. *Duas vezes por dia*, aliás.

— Que esquisito — Wren disse.

Cath cutucou seu purê de batata.

— Estou acostumando.

— Ainda assim é esquisito.

— *Sério?* — Cath disse. — Você quer *mesmo* falar sobre como acabei com uma colega de quarto esquisitona?

Wren suspirou.

— E o namorado dela?

— Faz uns dias que ele não aparece.

— O que você vai fazer este fim de semana?

— Lição de casa, acho. Escrever o Simon.

— Courtney e eu vamos a uma festa hoje à noite.

— Onde?

— Na Triangle! — Courtney disse, com a mesma empolgação que um completo babaca usaria para dizer “Na mansão da Playboy!”.

— O que é isso? — Cath perguntou.

— É uma fraternidade da engenharia — Wren explicou.

— Então eles ficam bêbados e constroem pontes?

— Não, eles ficam bêbados e *projetam* pontes. Quer ir?

— Acho que não. — Cath comeu um pouco de rosbife com purê.

O cardápio do refeitório do Selleck era um eterno jantar de domingo.

— Nerds bêbados não são meu lance.

— Você gosta de nerds.

— Não de nerds que entram em fraternidades — Cath disse. — É um subgênero de nerds que não me interessa.

— Você fez Abel assinar um compromisso de sobriedade antes de ir pra Missouri?

— Abel é seu namorado? — Courtney perguntou. — Ele é bonitinho?

Cath a ignorou.

— Abel não vai encher a cara. Ele não tolera nem caféina.

— Não estou entendendo a relação.

— Você sabe que não gosto de festas, Wren.

— E você sabe o que o papai diz: é preciso experimentar antes de dizer que não gosta de alguma coisa.

— Sério? Você vai usar o papai pra me convencer a ir a uma festa de fraternidade? Eu já experimentei ir a festas. Teve aquela no Jesse, com tequila...

— Você experimentou a tequila?

— Não, mas você experimentou, e eu ajudei a limpar seu vômito.

Wren sorriu com melancolia e alisou a franja comprida.

— Quando se bebe tequila o que importa é a jornada, mais do que o destino...

— Você vai me ligar, né? — Cath perguntou.

— Se eu vomitar?

— Se precisar de ajuda.

— Não vou precisar de ajuda.

— Mas você vai me ligar?

— Nossa, Cath. Tá bom. Relaxa.

— *Mas, senhor — Simon insistiu —, tenho que ser colega de quarto dele todos os anos, até sair de Watford?*

O Mago sorriu de maneira indulgente e bagunçou o cabelo cor de caramelo de Simon.

— *A designação do colega de quarto é uma tradição sagrada em Watford. — Sua voz era gentil, mas firme. — O crisol juntou vocês. Devem cuidar um do outro, se conhecerem tão bem como se fossem irmãos.*

— *Sim, mas, senhor... — Simon se remexeu na cadeira. — O crisol deve ter se enganado. Meu colega de quarto é um completo babaca. Talvez seja até do mal. Na semana passada, alguém lançou um feitiço para fechar meu notebook, e sei que foi ele. Ele morreu de rir.*

O Mago alisou a barba algumas vezes, de maneira solene. Era curta e pontuda, e só cobria o queixo.

— *O crisol colocou vocês dois juntos, Simon. É seu destino cuidar dele.*

*do capítulo 3 de Simon Snow e a segunda serpente,
copyright © 2003 by Gemma T. Leslie*

QUATRO

Os esquilos no campus eram mais do que domesticados: eram agentes de violência doméstica. Se você estivesse comendo qualquer coisa, eles corriam em sua direção e tomavam conta do seu espaço.

— Pega — Cath disse, jogando um pedaço de barrinha de soja com morango para o esquilo-vermelho gordo a seus pés. Ela tirou uma foto dele com o celular e mandou para Abel.

sofrendo bullying de um esquilo, Cath escreveu.

Abel tinha lhe mandado fotos de seu quarto — de sua *suíte* — na MoTech, e dele mesmo com os cinco colegas de quarto nerds estilo *Big Bang Theory*. Cath tentou se imaginar pedindo a Reagan para posar para uma foto e riu um pouco. O esquilo congelou, mas não fugiu.

Às quartas e sextas, Cath tinha quarenta e cinco minutos de intervalo entre as aulas de biologia e escrita de ficção, e ultimamente andava matando o tempo ali, sentada no pedaço de grama com sombra do lado mais tranquilo do prédio da letras. Ali, não precisava lidar com ninguém. Além dos esquilos, claro.

Ela verificou suas mensagens, ainda que não tivesse recebido nenhuma notificação.

Cath e Abel não tinham se falado de verdade desde que ela fora para a faculdade, três semanas antes, mas ele mandava mensagens. E de vez em quando, e-mails. Abel havia dito que estava bem e que a concorrência em Missouri já era intensa. *Todo mundo aqui costumava ser o melhor aluno da classe.*

Ela resistira à vontade de responder: *Menos você, né?*

O fato de Abel ter acertado todas as questões de matemática do exame admissional não significava que ele era o melhor aluno da classe. Abel era péssimo em história americana, e sempre tivera muita dificuldade com espanhol. Justo *ele*.

Ele já havia dito a Cath que não ia voltar a Omaha para o Dia de Ação de Graças, e ela não tentara convencê-lo a voltar o quanto antes.

Ainda não sentia falta dele.

Wren diria que era porque Abel não era um namorado de verdade. Aquela era uma conversa recorrente entre as duas.

— Ele é um ótimo namorado — Cath dizia.

— Ele é tipo uma mesinha de canto — Wren respondia.

— Ele está sempre ao meu lado.

— Pra você poder apoiar revistas e tal.

— Você preferiria que eu namorasse alguém como Jesse? Pra *nós duas* passarmos as noites de fim de semana chorando?

— Eu preferiria que você namorasse alguém que gostasse de beijar.

— Já beijei Abel.

— Ah, Cath, para com isso. Meu cérebro vai vomitar.

— Faz *três anos* que estamos juntos. Ele é meu *namorado*.

— Você tem sentimentos mais fortes por Baz e Simon.

— Óbvio, eles são Baz e Simon, não é justo. Mas eu gosto de Abel. Ele é estável.

— Igualzinho a uma mesa de canto.

Wren tinha começado a namorar no oitavo ano (dois anos antes que Cath começasse a considerar a possibilidade). Até Jesse Sandoz, ela nunca tinha ficado com o mesmo garoto por mais do que alguns meses. Wren tinha mantido o relacionamento com Jesse por tanto

tempo porque nunca tivera certeza de que ele realmente gostava dela — ou pelo menos essa era a teoria de Cath.

Wren costumava perder interesse em um garoto assim que o tivesse conquistado. A *conversão* era sua parte preferida.

— Aquele momento — ela dissera a Cath uma vez — em que você se dá conta de que um cara está te olhando diferente, de que você está ocupando mais espaço em seu campo de visão. Aquele momento em que você sabe que ele não consegue ver mais nada.

Cath tinha gostado tanto do que ela dissera que usara como fala de Baz algumas semanas depois. Wren ficara irritada quando lera.

De qualquer modo, a conversão nunca aconteceu para Jesse. Ele nunca teve olhos *apenas* para Wren, nem mesmo depois que transaram, no outono anterior. Aquilo tirava o chão de Wren.

Cath ficou aliviada quando Jesse conseguiu uma bolsa para jogar futebol americano na Universidade Iowa State. O déficit de atenção dele impedia um relacionamento à distância, e havia pelo menos dez mil novos caras na Universidade de Nebraska para Wren converter.

Cath jogou outro pedaço da barrinha para o esquilo, mas alguém usando sapatos oxford azulados chegou perto demais deles, e o bichinho se assustou e fugiu como podia. *Esses esquilos gorduchos do campus se arrastam em vez de correr*, Cath pensou.

Os sapatos deram outro passo na direção dela, então pararam. Cath levantou os olhos. Tinha um cara de pé à frente dela. De seu ponto de vista sentada — e com ele de pé bem ali, com o sol atrás de sua cabeça —, o garoto parecia ter dois metros e meio de altura. Ela semicerrou os olhos, mas não o reconheceu.

— Cath, certo? — ele perguntou.

Ela reconheceu a voz. Era o garoto de cabelo escuro que se sentava à sua frente na aula de escrita de ficção: Nick.

— Isso — Cath disse.

— Já fez o exercício de escrita?

A professora Piper havia pedido a eles que escrevessem um texto de cem palavras na perspectiva de um objeto inanimado. Cath assentiu, ainda semicerrando os olhos para ele.

— Ah, desculpa — Nick disse, saindo do sol para se sentar ao lado dela na grama. Ele deixou a bolsa entre os joelhos. — E que objeto você escolheu?

— Um cadeado — ela disse. — E você?

— Uma caneta. — Seu rosto se contraiu. — Estou preocupado que todo mundo vá fazer o mesmo.

— Isso não vai acontecer — ela disse. — Uma caneta é uma péssima ideia.

Nick riu, e Cath baixou os olhos para a grama.

— Acha que a professora vai fazer a gente ler em voz alta? — ele perguntou.

Cath ergueu a cabeça na hora.

— Não. Por que ela faria isso?

— É o que eles sempre fazem — Nick disse, como se Cath já devesse saber. Ela não estava acostumada a vê-lo de frente. Ele tinha um rosto juvenil com olhos azuis caídos e sobrancelhas grossas e escuras que quase se encontravam no meio. Parecia alguém que tinha uma passagem para o deque inferior do *Titanic*. Um imigrante qualquer de séculos atrás. De uma família antiga que pouco se misturou. Era bem bonitinho.

— Mas nem daria tempo de todo mundo ler o texto na aula — Cath disse.

— Provavelmente vamos ter que nos dividir em grupos — ele disse, de novo como se ela já devesse saber.

— Ah... Sou meio nova por aqui.

— Você está no primeiro ano?

Ela assentiu e revirou os olhos.

— Como conseguiu se matricular na aula da professora Piper? É uma disciplina de terceiro ano.

— Eu pedi.

Nick arqueou suas sobrancelhas grossas e projetou o lábio inferior, impressionado.

— Acha mesmo que uma caneta é uma péssima ideia?

— Não sei bem o que você espera que eu diga agora — Cath respondeu.

— Você tem algum transtorno alimentar? — Reagan perguntou.

Cath estava sentada na cama, estudando.

Reagan segurava a porta do armário dela enquanto pulava para tentar pegar uma bota preta de salto alto. Devia estar indo para o trabalho — ela sempre estava indo para algum lugar. Reagan tratava o quarto delas como um ponto de passagem, o lugar para onde ia entre as aulas e a biblioteca, entre o trabalho no grêmio estudantil e o trabalho no restaurante Olive Garden. Um lugar onde trocar de roupa, deixar seus livros e encontrar o Levi.

Às vezes outros caras apareciam. No mês anterior, um Nathan e um Kyle tinham passado por ali. Mas nenhum deles parecia fazer parte do sistema solar de Reagan, como Levi fazia.

O que tornava Levi parte do sistema solar de Cath também. Ele a vira no campus aquele dia e a acompanhara até Oldfather Hall, enquanto falava sobre as luvas que havia comprado perto do grêmio estudantil.

“Feitas à mão. No Equador. Você já viu uma alpaca, Cather? São as lhamas mais fofas do mundo. Tipo, imagina a lhama mais bonitinha que puder. É mais que isso. E a lã... não é bem lã, é tipo uma fibra, e é hipoalergênica...”

No quarto, Reagan encarava Cath, com a testa franzida. Ela usava jeans preto justo e blusinha preta. Talvez fosse sair, e não trabalhar.

— Seu lixo está sempre cheio de embalagens de barrinhas de cereal — Reagan disse.

— Você andou revirando meu lixo?

Cath sentiu a raiva tomar conta dela.

— Levi queria jogar o chiclete fora... Mas e aí? Você tem algum transtorno alimentar?

— Não — Cath disse, quase certa de que aquela seria a resposta de alguém com algum transtorno alimentar.

— Então por que você não come comida de verdade?

— Eu como. — Cath cerrou as mãos em punho. Sentiu a pele repuxada e tensa. — Só não aqui.

— Você é uma daquelas pessoas que só comem coisas esquisitas?

— Não, eu... — Cath olhou para o teto e decidiu que era uma daquelas vezes em que a verdade era mais simples do que qualquer mentira que poderia inventar. — Eu não sei onde fica o refeitório.

— Faz mais de um mês que você mora aqui.

— Pois é.

— E ainda não encontrou o refeitório?

— Não cheguei a procurar de verdade.

— E por que não perguntou pra alguém? Podia ter me perguntado.

Cath revirou os olhos, então encarou Reagan.

— Quer mesmo que eu faça perguntas idiotas?

— Se for sobre comida, água, ar ou abrigo, sim. Pelo amor de Deus,

Cath. Sou sua colega de quarto.

— Tá — Cath disse, voltando a seu livro. — Entendido.

— Bom, quer que eu te mostre onde fica o refeitório?

— Não precisa, obrigada.

— Você não pode viver à base das suas barrinhas de cereal. Elas estão acabando.

— Não estão, não.

Reagan suspirou.

— Levi pode ter comido algumas...

— Você deixou seu namorado roubar minhas barrinhas de cereal?

— Cath se inclinou para olhar seu estoque debaixo da cama. Todas as caixas estavam abertas.

— Levi disse que estava te fazendo um favor — Reagan contou. — Te forçando a agir a respeito. E ele não é meu namorado. Não exatamente.

— Isso é uma invasão — Cath disse, brava, esquecendo por um momento que Reagan provavelmente era a pessoa mais intimidante que já conheceria.

— Coloca um sapato — Reagan disse. — Vou te mostrar onde fica o refeitório.

— Não. — Cath já podia sentir a ansiedade começando a revirar seu estômago. — Não é só isso... Não gosto de lugares novos. De

situações novas. Vai ter um monte de gente, e eu não vou saber onde sentar... Não quero ir.

Reagan se sentou na beirada da própria cama e cruzou os braços.

— Você tem ido às aulas?

— Claro.

— Como?

— É diferente — Cath disse. — Nas aulas tenho no que me concentrar. Ainda é ruim, mas dá pra aguentar.

— Você toma algum remédio?

— Não.

— Talvez devesse...

Cath pressionou os punhos contra a cama.

— Não é da sua conta. Você nem me conhece.

— Tá vendo? — Reagan disse. — É por isso que eu não queria dividir o quarto com uma caloura.

— Por que você se importa? Estou te incomodando?

— Vamos sair pra jantar agora.

— Não, não vamos.

— Pega a sua carteirinha.

— Não vamos jantar juntas. Você nem gosta de mim.

— Gosto de você o bastante — Reagan disse.

— Isso é ridículo.

— Meu Deus do céu, você não está com fome?

Cath apertava os punhos com tanta força que os nós dos dedos estavam brancos.

Ela pensou em filé de frango empanado. Em batata gratinada. Em torta de morango com ruibarbo. Cath se perguntou se o refeitório daquele prédio tinha uma máquina de sorvete como a do Selleck.

E ela pensou em vencer. Em como estava deixando que *aquilo* vencesse, o que quer que fosse... a maluquice dela. Cath, zero. Maluquice, um milhão.

Cath se inclinou, comprimindo o estômago revirado.

Então se levantou com tanta dignidade quanto pôde reunir e calçou os tênis.

— Eu tenho comido comida de verdade... — ela resmungou. — Almoço com minha irmã no Selleck.

Reagan abriu a porta.

— Então por que não come no refeitório daqui também?

— Porque esperei tempo demais. Construí uma muralha ao redor disso. É difícil explicar...

— Sério, por que você não toma remédio?

Cath passou por ela para sair do quarto.

— Você é uma psiquiatra licenciada? Ou só faz o papel de uma de televisão?

— Eu tomo remédio — Reagan disse. — É maravilhoso.

Não houve nenhum momento de desconforto no refeitório, nada de ficar parada à porta com a bandeja tentando decidir o lugar mais inócuo onde sentar.

Reagan sentou à primeira mesa com espaço sobrando que encontrou. Nem cumprimentou com a cabeça as pessoas que já estavam lá.

— Você não vai se atrasar pro trabalho? — Cath perguntou.

— Vou sair. Mas ia jantar aqui antes de qualquer jeito. A gente paga pela comida mesmo, então é melhor aproveitar.

A bandeja de Cath tinha um prato de macarrão ao forno e duas tigelas de couve-de-bruxelas. Ela estava morrendo de fome.

Reagan pegou uma garfada de salada de macarrão. Seu cabelo comprido caía sobre os ombros. Tinha uma dezena de tons de vermelho e dourado, nenhum deles parecia natural.

— Acha mesmo que não gosto de você? — ela perguntou, com a boca cheia.

Cath engoliu a comida. Ela e Reagan nunca haviam tido uma conversa, muito menos uma séria.

— Hum... tenho a impressão de que você não quer uma colega de quarto.

— E não quero mesmo. — Reagan franziu a testa. Fazia aquilo tanto quanto Levi sorria. — Mas isso não tem nada a ver com você.

— Então por que mora no alojamento? Você não é caloura, certo? Não achei que os veteranos morassem no campus.

— Tenho que ficar aqui — Reagan disse. — Tenho uma bolsa. Eu deveria ter um quarto só meu este ano, estava na lista. Mas não tinha nenhum disponível.

— Sinto muito — Cath disse.

— Não é culpa sua.

— Eu não queria uma colega de quarto também — Cath disse. — Bom... achei que fosse morar com a minha irmã.

— Sua irmã estuda aqui?

— Minha irmã gêmea.

— Afe. Que esquisito.

— Por quê? — Cath perguntou.

— Sei lá. Só é esquisito. Tipo ter um sócia bizarro. Vocês são idênticas?

— Tecnicamente, sim.

— Afe.

O corpo de Reagan estremeceu, de maneira exagerada.

— Não é esquisito — Cath disse. — Qual é o seu problema?

Reagan fez uma careta e seu corpo voltou a estremeecer.

— E por que você não mora com a sua irmã?

— Ela queria conhecer gente nova — Cath disse.

— Do jeito que você fala parece que ela te deu um pé na bunda.

Cath espetou outra couve-de-bruxelas.

— Ela mora no Schramm — Cath disse para a bandeja. Quando levantou os olhos, Reagan franzira a testa para ela.

— Já estou com dó de você de novo — Reagan disse.

Cath apontou o garfo para ela.

— Não tenha dó de mim. Não quero isso.

— Não posso evitar — Reagan disse. — Você é bem patética.

— Não sou, não.

— É sim. Não tem amigos, levou um fora da irmã, é fresca pra comer... E tem algum lance estranho com o Simon Snow.

— Contesto tudo o que você acabou de dizer.

Reagan só mastigou. E franziu a testa. Ela usava batom vermelho-escuro.

— Tenho muitos amigos — Cath disse.

— Nunca vi nenhum.

— Acabei de chegar. A maior parte dos meus amigos foi estudar em outro lugar. Ou são da internet.

— Amigos da internet não contam.

— Por que não?

Reagan deu de ombros, desdenhosa.

— E não tenho nenhum lance estranho com o Simon Snow —
Cath disse. — Só sou muito ativa no fandom.

— Que porra é essa?

— Você não entenderia.

Cath suspirou, desejando não ter usado aquela palavra, sabendo que se tentasse se explicar só ia piorar tudo. Reagan não acreditaria — e não compreenderia — que Cath não era apenas fã de Simon. Ela era uma das fãs mais importantes. Uma fã conhecida, com seus próprios fãs.

Se ela contasse que suas fanfics do Simon tinham vinte mil acessos... Reagan riria dela.

Além disso, Cath se sentiria muito babaca se falasse tudo isso em voz alta.

— Você tem umas cabeças do Simon Snow na escrivaninha —
Reagan disse.

— São bustos comemorativos.

— Estou com dó de você, vou ser sua amiga.

— Não quero ser sua amiga — Cath disse, tão ríspida quanto pôde.
— Gosto do fato de que não somos amigas.

— Eu também — Reagan disse. — É uma pena que você tenha estragado tudo sendo tão patética.

Bem-vindo ao FanFixx.net, onde a história nunca termina.

Somos um arquivo e fórum administrado por voluntários, e aceitamos histórias de qualidade de todos os fandoms. Seja um voluntário ou faça uma doação [aqui](#). Crie um perfil de autor do FanFixx.net [aqui](#). Você deve ter treze anos de idade ou mais para publicar textos ou comentários no FanFixx.net.

Mensagem de boas-vindas da homepage do

FanFixx.net

Acesso em 1º de julho de 2011

*image
not
available*

— Eu meio que gosto do rabo. — Cath sorria carinhosamente para a garota gorducha com cabelo preto tingido.

— Se Deus me botou na sua vida pra te impedir de usar a porra de um rabo, eu aceito a tarefa — Reagan dissera.

Na opinião dela, Cath já era esquisita e problemática o suficiente.

— Já é ruim o bastante que você tenha pôsteres artesanais do Simon Snow — Reagan dissera na noite anterior, quando estavam se arrumando para deitar. — Eles ainda precisam ser gays?

Cath havia olhado para o desenho de Simon e Baz de mãos dadas, que ficava acima da escrivaninha.

— Deixa os dois em paz — ela dissera. — Eles estão apaixonados.

— Tenho certeza de que isso não está nos livros.

— Quando sou eu que escrevo, eles estão apaixonados.

— Como assim, quando é *você* que escreve? — Reagan tinha parado de falar enquanto vestia a camiseta. — Não, quer saber? Deixa pra lá. É melhor ficar fora disso. Já é difícil o bastante fazer contato visual com você.

Levi estava certo, elas deviam estar se dando bem, porque agora, quando Reagan dizia aquele tipo de coisa, Cath tinha vontade de rir. Se Reagan não ia jantar, Cath descia sozinha e se sentava à mesa em que sempre sentavam. Mais tarde, quando Reagan voltava ao quarto — se Reagan voltava ao quarto —, Cath lhe contava tudo o que ela havia perdido.

— Chinelo Rider finalmente falou com a Lindsay Lohan venezuelana — Cath dizia.

— Graças a Deus — Reagan respondia, se jogando na cama. — A tensão sexual estava me matando.

*image
not
available*

— Sempre é.

— Dessa vez é diferente. — Fazia um ano que Cath dizia aquilo. — É o fim.

Wren estava certa: Cath já havia escrito aquela história, de Baz e Simon apaixonados, dezenas de vezes. Tinha escrito aquela cena, aquela fala — “Snow... Simon, eu te amo” — de cinquenta maneiras diferentes.

Mas *Sempre em frente* era diferente.

Era a fanfic mais longa que Cath havia escrito. Já estava mais longa que qualquer um dos livros de Gemma T. Leslie, e Cath só tinha escrito dois terços dela.

Sempre em frente havia sido escrita como se fosse o oitavo livro da série Simon Snow, como se coubesse a Cath amarrar todas as pontas soltas, se certificar de que Simon ascendesse a Mago, de que Baz se redimisse (algo que a autora nunca faria), de que ambos os garotos esquecessem Agatha... Escrever todas as cenas de despedida, de formatura, de revelações de último minuto... E encenar a batalha final entre Simon e o Oco Insidioso.

Todo mundo no fandom estava escrevendo fanfics sobre o oitavo ano. Todo mundo queria se arriscar com um grande final antes que o último livro de Simon Snow fosse lançado, em maio.

Mas, para milhares de pessoas, *Sempre em frente* já era o último livro.

Os leitores sempre diziam a Cath que não conseguiam mais ver os livros originais do mesmo modo depois de ler suas fanfics. (“Por que Gemma odeia Baz?”)

Alguém tinha até começado a vender camisetas na internet com *Sempre em frente* escrito e uma imagem de Baz e Simon olhando um

Levi e Reagan eram de uma cidade chamada Arnold, que Reagan dissera que tinha o cheiro e a aparência de estrume.

— A terra de Deus — Levi comentara. — De todos os deuses, na verdade. Brama e Odin adorariam aquele lugar.

Levi continuava falando sobre búfalos, ainda que já tivessem chegado à biblioteca. Cath subiu no primeiro degrau de pedra da escadaria da entrada e ficou pulando no lugar para se manter aquecida. Assim ficava quase da mesma altura que ele.

— Entendeu o que quero dizer? — Levi perguntou.

Ela assentiu.

— Vaca é ruim, búfalo é bom.

— Vaca é bom — ele disse —, mas bisão é *melhor*. — Ele abriu um sorriso preguiçoso, meio torto. — Isso é muito importante, sabia? Por isso estou te contando.

— Vital — ela disse. — Ecossistemas. Lençóis freáticos. Musaranhos à beira da extinção.

— Me liga quando tiver terminado, Chapeuzinho.

Não, Cath pensou. *Nem tenho seu número.*

Levi já estava voltando.

— Vou estar no quarto de vocês — ele disse, por cima do ombro. — Me liga lá.

A biblioteca tinha seis andares para cima e dois andares para baixo.

Os andares subterrâneos, onde ficavam os livros, tinham um formato estranho e só eram acessíveis por determinadas escadas. Era quase como se os livros estivessem guardados sob outros prédios do campus.

Nick trabalhava na ala norte, em uma sala comprida com paredes brancas — era praticamente um silo de míssil com estantes de livros.

Ele superou o lance do personagem gay no mesmo instante, o que depunha a seu favor. Apesar de Cath ter dado ao Nick ficcional sobrelhas escuras e grossas e sapatos oxford azulados.

O verdadeiro Nick tinha dificuldade em esperar sua vez. Ele tentava pegar o caderno das mãos de Cath antes que ela terminasse de escrever, e a caneta verde dela traçava um risco página abaixo.

— Espera — ela dizia.

— Não, eu tenho uma ideia que você está prestes a estragar.

Ela se esforçava muito para fazer seus parágrafos soarem como os de Nick, mas seu estilo pessoal ficava se insinuando neles. Foi legal quando Cath se deu conta de que ele a imitava também.

Depois de algumas horas, Cath estava bocejando, e o texto deles já tinha o dobro do tamanho necessário.

— Vamos demorar uma eternidade para digitar isso — ela disse.

— É só não digitar. Vamos entregar assim.

Cath olhou para as páginas com borrões em verde e azul.

— É nossa única versão.

— Então não deixa seu cachorro comer. — Ele subiu o zíper do moletom cinza e pegou a jaqueta jeans velha. — É meia-noite. Hora de ir embora.

O carrinho próximo à mesa deles estava cheio de livros.

— E esses daqui? — Cath perguntou.

— A menina do turno da manhã pode guardar. Assim vai se lembrar de que está viva.

Cath arrancou com cuidado as folhas com o texto deles do caderno de Nick e as guardou na mochila, então o seguiu pela escada em espiral. Eles não viram mais ninguém no caminho até o térreo.

SEIS

— Pai? Me liga.

— É a Cath de novo. Me liga.

— Pai, para de ignorar minhas mensagens. Será que você escuta a caixa postal? Sabe como fazer isso? Bom, mesmo se não souber, meu número aparece nas ligações perdidas. Me liga, tá?

— Pai. Me liga. Ou liga pra Wren. Não, liga pra *mim*. Estou preocupada. Não gosto de ficar preocupada com você.

— Não me faz ligar pros vizinhos. Eles vão ter que ir ver o que aconteceu e vai ser constrangedor, porque você não fala nada de espanhol.

— Pai?

— Oi, Cath.

— *Pai*. Por que você não me ligou? Deixei um milhão de mensagens.

— Eram mensagens demais. Você não deveria estar me ligando ou pensando em mim. Está na faculdade agora. Me esquece.

pra professora distribuir — Cath disse, seguindo-o para fora da sala. — Todo mundo vai receber nove, no máximo, pelos próximos oito anos, por nossa causa.

— A gente devia fazer isso de novo.

Nick se virou para ela de repente, quando estavam à porta.

Cath não conseguiu parar a tempo e deu um encontrão nele sem querer.

— Já fizemos um juramento — ela disse, recuando um passo.

— Não é disso que estou falando. Não tem nada a ver com a aula. A gente devia escrever só porque foi bom, sabe?

Tinha sido mesmo bom. Cath não se divertira tanto desde... bom, com certeza desde que havia chegado ali.

— É — ela disse. — Legal.

— Trabalho às terças e quintas à noite — Nick disse. — Quer me encontrar nessa terça? No mesmo horário?

— Claro — Cath disse.

Ela não parara de pensar naquilo desde então. Imaginava o que escreveria. Queria falar com Wren sobre o assunto. Tentara ligar para a irmã mais cedo naquele dia, mas ela não atendera. Já eram quase onze horas agora...

Cath pegou o celular e ligou para Wren.

Ela atendeu.

— Sim, irmãzinha?

— Oi, você pode falar agora?

— Sim, irmãzinha — disse Wren, dando risada.

— Está na rua?

— Estou no décimo andar do Schramm Hall. É aqui que... *todos* os turistas vêm quando visitam o prédio. É como um mirante. “Veja o

— Você tem alguma coisa vermelha? — Reagan perguntou. — Se estivermos de vermelho, podemos descolar bebidas grátis enquanto passeamos pelo campus.

O celular de Cath tocou. Ela olhou quem era. Wren. Cath recusou a chamada.

— Tenho que escrever hoje — ela disse.

Quando elas voltaram ao quarto, Reagan tomou um banho e se maquiou de novo, sentada à escrivaninha, com um espelho na mão.

Ela saiu e voltou algumas horas depois, com sacolas da Target e um cara chamado Eric. Então saiu de novo e só voltou depois que o sol tinha se posto. Daquela vez, sozinha.

Cath ainda estava à escrivaninha.

— Chega! — Reagan meio que gritou.

— Nossa — Cath disse, virando para ela. Seus olhos precisaram de alguns segundos para focar em algo que não era a tela do computador.

— Se troca — Reagan disse. — E não discute comigo. Não vou fazer esse joguinho com você.

— Que joguinho?

— Você é uma ermitã deprimida. É muito esquisito. Então você vai se trocar. Vamos jogar boliche.

Cath riu.

— Boliche?

— Ah, tá — Reagan disse. — Porque boliche é mais patético do que tudo o que você faz.

Cath afastou a cadeira da escrivaninha. Sua perna esquerda estava adormecida. Ela a sacudiu.

— Nunca joguei boliche. Que roupa eu visto?